

**Momento, pela primeira vez em Portugal**

# Stockhausen e a música da eternidade

O Coro e a Orquestra Gulbenkian, dirigidos por Peter Eötvös, interpretam pela primeira vez em Portugal a partitura de *Momento*, considerada por Stockhausen como a sua obra máxima

**Cristina Fernandes**

● Graças à Fundação Gulbenkian, foi sendo possível acompanhar ao longo dos anos muitas das criações de Karlheinz Stockhausen (1928-2007), figura maior da música do século XX, várias vezes contando com a presença do compositor. Esse percurso de descoberta tem hoje e amanhã (respectivamente às 21h e às 19h) um ponto alto com a primeira audição em Portugal de *Momento*, partitura considerada por Stockhausen como a sua obra-prima. Esta apresentação ocorre quase meio século depois da estreia da primeira versão da peça em Colónia, em 1962. Com textos de William Blake, Martin Luther King, Bonislaw Malinowski e Mary Bauermeister, entre outros, a obra explora o conceito de momento enquanto unidade formal, na qual a atenção do ouvinte se centra em cada fragmento do presente, ou seja, “na eternidade que não começa no fim dos tempos, mas é atingível a cada momento”. A interpretação estará a cargo da Orquestra e do Coro Gulbenkian e da soprano Julia Bauer, dirigidos pelo maestro e compositor húngaro Peter Eötvös. O concerto conta ainda com o contributo de Jorge Matta na direcção coral e do compositor e maestro Pedro Amaral no desenho de som.

Pedro Amaral (n. 1972) conheceu Stockhausen de perto, precisamente na qualidade de assistente na edição da partitura de *Momento*, e tem dedicado parte dos seus trabalhos teóricos à obra do músico alemão. Na entrevista publicada na última *newsletter* da Gulbenkian conta que Stockhausen considerava *Momento* a sua obra máxima e tinha com ela uma relação não apenas emocional mas quase física. “Guardava o manuscrito num largo gavetão por baixo da própria cama, e nos últimos quarenta anos da sua vida dormia literalmente sobre a partitura!” *Momento* foi em parte inspirada pela relação de amor que Stockhausen viveu nos anos 60 com a artista Mary Bauermeister, com quem casou e teve dois filhos. Entre as suas fontes poéticas e literárias encontra-se o *Cântico dos Cânticos*, apoteose bíblica do amor e da sensualidade, e uma carta da própria Mary, figura que é objecto de um retrato musical. Por outro lado, segundo Pedro Amaral,

**O compositor em Budapeste, a 9 de Outubro de 1984**

“

Um dia [Stockhausen] descobriu que um harpista não consegue tocar com as duas mãos na oitava mais grave da harpa: ‘Tenho 77 anos, passei a minha vida a compor e ignorava completamente isto, não vem em nenhum tratado! Com esta idade continuo a aprender’.

Pedro Amaral

”

*Momento* é um “imenso edifício estético que coloca em prática uma estrutura arquitectural prodigiosa” e que mostra bem o virtuosismo do compositor. Trata-se de uma obra difícil de classificar, próxima do género da cantata, que envolve múltiplas dimensões (profana, religiosa, passional, poética, social, arquitectural).

No plano conceptual, é um exemplo paradigmático da chamada *Momentform*, ou “forma-momento”, ligando-se a uma “geografia musical, potencialmente vasta no tempo da qual nos é permitido ter uma experiência limitada”, como se se tratasse de uma janela que se abre e se fecha, dando-nos acesso a apenas momentos de uma paisagem maior. Pedro Amaral compara a experiência a uma viagem de comboio, durante a qual podemos observar determinada paisagem num curto lapso de tempo e outra muito mais demoradamente.

Por isso Stockhausen falava da “eternidade atingível em cada momento.”

O primeiro encontro pessoal entre Pedro Amaral e Stockhausen ocorreu em Amsterdão num seminário com Peter Eötvös. “Conversámos um bocadinho e ele falou-me dos seus projectos, acabámos por permanecer em contacto”, contou o compositor português ao PÚBLICO numa entrevista em Setembro de 2009. No Natal de 2003, Amaral tinha recebido com surpresa um telefonema de Stockhausen e o convidou para trabalhar com ele na edição da partitura de *Momento*. “Esta portentosa obra aberta dos anos 60 devia ter sido editada pela Universal, mas como o formato da partitura coloca problemas tremendos, a editora acabou por a devolver”, contou Pedro Amaral. “São páginas A2 onde há aquilo a que Stockhausen chamava fendas. Nestas deveriam ser introduzidas pelo intérprete

partes que aparecem noutras folhas da partitura. O meu trabalho foi ler os manuscritos todos (e eram muitos, centenas!), assimilar tudo o que nas várias versões tinha sido alterado e depois editar o conjunto.”

Durante o trabalho, Pedro Amaral instalou-se algum tempo em Kürten, numa das casas do compositor, e a relação sempre foi de grande cordialidade.

“Muitas vezes telefonava-me extravagantemente às 7h30 ou 8h da manhã. Recordo que um dia estava em sobressalto porque descobriu que um harpista não consegue tocar com as duas mãos na oitava mais grave da harpa – uma das mãos não chega lá porque a harpa fica ligeiramente de lado – e dizia: ‘tenho 77 anos, passei a minha vida a compor e ignorava completamente isto, não vem em nenhum tratado!’ Mas depois acrescentou com uma calma admirável: ‘Ainda bem que aconteceu; com esta idade continuo a aprender’.”